

Recepção do estilo do Vaticano II na educação cristã. Caminho de superação dos desafios segundo o Papa Francisco

Leila Maria Orlandi Ribeiro¹

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar a recepção do estilo do Vaticano II pelo Papa Francisco nas orientações para a superação dos desafios da educação cristã. A metodologia é a da pesquisa bibliográfica, principalmente a Constituição Apostólica *Veritatis gaudium*, do Papa Francisco e o Discurso *Gaudet Mater Ecclesia*, do Papa João XXIII, além de algumas obras dos teólogos César Alves e John W. O'Malley. A misericórdia e o diálogo são as vias a se seguir na educação cristã.

Palavras-chave: Estilo, Vaticano II, Desafios, Educação, Francisco.

INTRODUÇÃO

Jesus deixou aos discípulos a missão de ensinar todos os povos a guardar tudo o que ele havia ensinado (Mt 28, 19-20). Conhecer Jesus faz parte de um longo processo de amadurecimento do ser humano que se desenvolve durante toda a vida. “Desde a origem, até o fim dos tempos, a obra divina consiste, portanto, em educar seu povo” (DUFOUR, 2013, pág. 262).

Para Paulo Freire, tanto na educação formal como na não formal, “quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para ser anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos” (FREIRE, apud BORGES, 2018, p. 28). A conscientização do ser humano com vistas à transformação em prol do bem comum é, pois, reflexo do evangelho de Jesus e fundamento da educação cristã. Segundo o Papa Paulo VI:

O campo próprio da [...] atividade evangelizadora é o mundo [...] da política, da realidade social e da economia, e, ainda, outras realidades abertas para a evangelização, como o amor, a família, a educação [...], o trabalho profissional e o sofrimento (EN 70, 1975).

O destaque do Papa Paulo VI à educação como um dos campos da evangelização vai ao encontro do que preconiza o estilo do Concílio Vaticano II, qual seja: guardar e ensinar o patrimônio essencial da revelação divina, com formas renovadas de exposição do patrimônio da fé. Perante os desafios à educação cristã para tal missão, qual é a proposta apresentada pelo Papa Francisco? Com o objetivo de compreender até que ponto as orientações do Papa

¹ Doutoranda em Teologia na FAJE. Mestra em Teologia pela FAJE e Mestra em Educação pela UNB. Membro do Grupo de Pesquisa da FAJE “Fé cristã e Contemporaneidade”. Subgrupo: “Ecoteologia: singularidade, temas relevantes, perspectivas”. Bolsista da CAPES. Graduada em Teologia e Pedagogia. Contato: SHIN QL 09, conjunto 02, casa 04. Brasília – DF. leilaor2608@gmail.com. (61) 99682-6239.

Francisco à educação refletem a recepção do estilo conciliar, verifica-se: 1. Qual é o estilo do Vaticano II; 2. Como ocorre a recepção do estilo conciliar pela Igreja, particularmente, pelo Papa Francisco; 3. Quais são os desafios à educação cristã; 4. Qual é a proposta do Papa Francisco, baseada no estilo do Vaticano II, para o enfrentamento dos desafios à educação. A metodologia adotada é a da pesquisa bibliográfica, principalmente no Discurso *Gaudet Mater Ecclesia*, do Papa João XXIII, na Constituição Apostólica *Veritatis gaudium*, do Papa Francisco e em algumas obras dos teólogos John W. O'Malley e César Alves.

1 O ESTILO DO CONCÍLIO VATICANO II

De início, é importante esclarecer quais são as características do estilo do Concílio Vaticano II. O principal chamado do Concílio à Igreja e à humanidade foi para que todos se convertessem ao estilo de seus ensinamentos. Tal apelo é identificado no discurso *Gaudet Mater Ecclesia* (GME), do Papa João XXIII, na abertura do Concílio, e se reflete em todos os seus documentos.

Segundo o historiador O'Malley, com as orientações do Concílio,

o Papa João XXIII e o Concílio distanciaram-se de uma abordagem de bronca e desconfiança com relação ao mundo, [...] fazendo uso do remédio da misericórdia mais do que de severidade... demonstrando a validade do ensino [da Igreja], mais do que de suas condenações (O'MALLEY, 2015, p. 5).

Para O'Malley, mesmo não usando a palavra “reconciliação”, fica evidente que o Papa João XXIII falava em reconciliar-se com um passado de sentenças condenatórias por parte da Igreja. A reconciliação exigida pelo Concílio dirige-se “não somente aos membros da Igreja, mas a toda a humanidade” (O'MALLEY, 2015, p. 14). Era, então, o momento de a Igreja reconciliar-se com o mundo.

No discurso de abertura de João XXIII, o tema da reconciliação apareceu, mas de modo discreto e completamente genérico. O Concílio assumiu-a como orientação fundamental e impregnou-a de alcance notável. Estendeu-a para a relação da Igreja com as culturas não ocidentais, com os cristãos não católicos, com os crentes não cristãos, com a nova situação econômica, social e política do mundo moderno, com o problema da consciência histórica moderna e, em seu documento final, com toda a humanidade (O'MALLEY, 2015, p. 15).

A reconciliação é uma resposta à situação de crise do catolicismo, apontada nos documentos do Concílio como uma “nova era” de abertura da Igreja para a humanidade. A Igreja passa a viver com o povo suas lutas, e partilha com ele suas alegrias e tristezas. A *Gaudium et Spes* afirma que “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje,

sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (GS, 1).

Além de ser um Concílio pastoral, que pede à Igreja a reconciliação com a humanidade, o Vaticano II é também, por seu estilo linguístico, notadamente de abertura e de convite, e não mais de imposição. Segundo O’Malley, o convite parte:

Das leis aos ideais; das ordens aos convites; das ameaças à persuasão; da coerção à consciência; do monólogo ao diálogo; da obsessão pelo pecado ao reconhecimento da dignidade; do de cima para baixo para a partilha; do monarca ao líder servidor; da exclusão à inclusão; da hostilidade à amizade; da rivalidade à parceria; da procura de defeitos à busca de pontos comuns; do menosprezo à compaixão; da modificação de comportamento para a busca da santidade; Em suma, do afastamento à reconciliação (O’MALLEY, 2015, p. 19).

Na visão de O’Malley, a missão do Concílio Vaticano II é a de mostrar que a Igreja é “mãe amorosa de todos, benigna, paciente, cheia de misericórdia e bondade” (O’MALLEY, 2015, p. 2). O caminho proposto pelo Concílio é o da misericórdia, do diálogo e da bondade, com vistas à reconciliação.

Para que haja reconciliação, o estilo conciliar implica conversão, o que se desenvolve em um caminho de santidade. Na trilha de conversão, fundada no amor e na misericórdia, o teólogo jesuíta César Alves apresenta a oportunidade de a Igreja lançar um olhar atento ao passado, com o propósito de voltar às fontes (ALVES, 2013, p. 8), para “tirar do tesouro coisas novas e coisas antigas” (Mt 13,52). Com isso, Alves aponta a oportunidade de a Igreja (clero e fiéis leigos) verificar o que foi bom e deve ser cultivado, como também o que não foi bom e deve ser renovado. E assim a Revelação divina, que se plenifica em Jesus Cristo, seja ensinada ao mundo atual de uma forma nova, atualizada em seus métodos, para ser acolhida nos dias de hoje por cada cultura em particular.

A fim de a Igreja alcançar a renovação exigida pelo Concílio, Alves identifica quatro elementos a serem considerados, que, segundo o autor, “compõem a raiz última do que o discurso *Gaudet Mater Ecclesia* determinou” para toda a Igreja (ALVES, 2013, p. 16). O estilo do Vaticano II trouxe para a Igreja as seguintes características e exigências:

1. Manter a atitude fundamental de amor e a misericórdia (ALVES, 2013, p.17). Segundo Alves, “esta é a atitude básica com a qual o objetivo do Concílio deve ser alcançado” (Ibidem). Pois, nas palavras de João XXIII, “agora, a esposa de Cristo prefere usar mais o remédio da misericórdia do que o da severidade” (GME, 2), que vinha sendo utilizado até então.

2. Abraçar a realidade dos dias de hoje (ALVES, 2013, p.17). “A atitude contrária impede a detecção da ação e da presença positivas do Espírito Santo nos tempos atuais” (Ibidem). Mesmo diante de tantas ações do Espírito Santo nos dias de hoje, alguns cristãos não analisam as coisas de modo sereno e ponderado e só enxergam a ruína do estado atual da sociedade.

Diz João XXIII: “Devemos discordar desses profetas da desventura, que anunciam acontecimentos sempre infaustos, como se estivesse iminente o fim do mundo” (GME, IV,3). Porém, ao lado dos aspectos negativos, sempre existem coisas boas e essas devem ser reconhecidas nos dias de hoje nos recônditos da providência divina, especialmente junto aos cristãos que se colocam em diversos lugares para o bem da humanidade.

3. Guardar e ensinar o patrimônio essencial da revelação divina, que deve ser sempre mantido (ALVES, 2013, p.18). O Concílio Vaticano II, ao utilizar as figuras do “remédio da misericórdia’ e do [...] ‘amor cristão’ [...] adota a atitude da Nova Aliança, que é a base para a Igreja conservar o patrimônio divino revelado em plenitude em Jesus de Nazaré” (ALVES, 2013, p.16). Este é o patrimônio a ser ensinado pela Igreja, a mesma doutrina da fé mantida pela Igreja é transmitida a todas as gerações por todo o sempre.

4. Renovar a forma de expor o patrimônio da fé, de maneira adequada aos dias atuais e às mais diferentes culturas (ALVES, 2013, p.18). O que o Concílio exige, portanto, é a renovação dos métodos para se transmitir a doutrina da fé. Pois, para João XXIII, “o que mais importa é que o depósito sagrado da doutrina cristã seja guardado e ensinado de forma mais eficaz” (GME, V 1).

Assim, o estilo do Concílio se resume no caminho traçado para a Igreja marcado pela misericórdia, para a busca do Espírito Santo nos sinais dos tempos, na manutenção do depósito da fé e com a transmissão da fé de forma eficaz à humanidade. Tal estilo se embasa na vivência dos princípios cristãos.

2 A RECEPÇÃO DO ESTILO DO VATICANO II PELA IGREJA E PELO PAPA FRANCISCO

O estilo de vida da Igreja, de reconciliação, amor e misericórdia, preconizado pelo Vaticano II, foi recebido entre altos e baixos. Até que encontrou profundo eco no Papa Francisco. Segundo O’Malley, o Papa Francisco fez frutificar o estilo do Concílio, “como nunca tinha tido desde o pontificado de João XXIII” (O’MALLEY, 2015, p. 19).

A identificação do Papa Francisco com o estilo do Vaticano II pode ser vista nas suas orientações à educação. Dentre outras, para que ensine ao ser humano os caminhos para pensar criticamente com vistas ao bem do próximo, descobrindo Deus em cada uma das pessoas, com solidariedade e preocupação com os mais pobres, medianeira da concórdia e da paz.

3 ALGUNS DESAFIOS PERMANECEM

Perante a necessidade de adequação da educação às exigências dos dias atuais, permanece o que Paulo VI já destacava: a dificuldade de articular o conteúdo essencial da educação da fé a uma forma mais oportuna de transmissão; ao mesmo tempo em que haja unidade das

Igrejas particulares com a Igreja Universal e com toda a humanidade. De acordo com Paulo VI:

O problema é sem dúvida delicado. A evangelização perderia algo da sua força e da sua eficácia se ela porventura não tomasse em consideração o povo concreto a que ela se dirige [...]. De outro lado, a evangelização correria o risco de perder a sua alma e de se esvaecer se fosse despojada do seu conteúdo, sob o pretexto de a traduzir melhor. Só uma Igreja que conserva a consciência da sua universalidade [...] pode ter uma mensagem capaz de ser entendida por todos (EN, 63).

As dificuldades consistem, portanto, na distinção entre o que é conteúdo essencial da educação e quais os elementos secundários, já que, segundo Paulo VI, sua “apresentação depende fortemente das circunstâncias, que se diversificam” (EN, 35). Paulo VI destaca que, no centro do conteúdo da educação, está a libertação em Cristo Jesus. Podem mudar os métodos de transmissão da fé, mas a fé em Jesus Cristo é sempre a mesma.

Alerta o Papa Paulo VI que “toda libertação que se pretende estritamente temporal e política desvia-se do seu ideal, pois suas motivações não são a justiça e a caridade, seu impulso não é a dimensão espiritual e sua finalidade não é a salvação e a beatitude em Deus” (EN, 35). A educação, atenta, além do conteúdo essencial, aos métodos adequados para sua transmissão, se mantém fiel ao propósito libertador que se realiza em Jesus Cristo.

Os desafios à educação cristã libertadora se avolumaram nos dias atuais, em decorrência da pandemia e seus efeitos ainda perduram. Segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância, com o fechamento das escolas por causa da pandemia, “educação, segurança, amizade e nutrição foram substituídas por ansiedade, violência e gravidez precoce”. As perdas que crianças e jovens sofreram por não estarem na escola podem nunca ser recuperadas.

No Brasil, apesar de a educação ser direito de todos, com o respeito comum de uns pelos outros, conforme estabelecido pela Constituição Federal, artigo 205, a realidade é bem distinta. Em 2023, os resultados da pesquisa sobre “as Múltiplas Dimensões da Pobreza na Infância e na Adolescência no Brasil” detectaram que existem hoje, no país, ao menos 32 milhões de crianças e adolescentes (63% do total de 51 milhões) vivendo na pobreza, em suas múltiplas dimensões (UNICEF, 2023). Segundo a Avaliação do UNICEF no Brasil, a pobreza multidimensional na infância e na adolescência vai além da renda. Inclui “estar fora da escola, viver em moradias precárias, não ter acesso a água e saneamento, não ter uma alimentação adequada, estar em trabalho infantil e não ter acesso à informação” (UNICEF, 2023).

Na maioria das vezes, essas privações se sobrepõem, agravando os desafios enfrentados pelos jovens. O olhar atento à realidade da pobreza multidimensional conduz a se colocar a educação, desde a mais tenra idade até a universidade, no centro das ações humanas, associada às outras instâncias das políticas públicas. A pobreza multidimensional no Brasil, como também na grande maioria dos países da América Latina, clama pela solidariedade do ser

humano. Por isso, é missão de todos mudar o que for preciso, em especial esta é a missão dos cristãos.

Diante dos desafios, a fim de que as culturas e os tempos atuais sejam respeitados e a Tradição da Igreja seja mantida, importa verificar como a educação vem recebendo as orientações do Concílio, especialmente as do documento *Veritatis gaudium* (VG), do Papa Francisco.

4 PROPOSTA DO PAPA FRANCISCO PARA A EDUCAÇÃO COMO REFLEXO DO ESTILO CONCILIAR

Na Constituição Apostólica *Veritatis gaudium*, o Papa Francisco indica a necessidade de uma renovação do modelo educacional, em especial os estudos superiores católicos à luz da Tradição. Aponta Francisco à necessidade de uma “mudança radical de paradigma” e uma “corajosa revolução cultural” para que ocorra a “renovação do sistema dos estudos superiores” (VG, 3). Com isto, o Papa diz que se mantém a mesma doutrina, mas os métodos e a forma de apresentá-la é que precisam ser renovados.

O Papa Francisco justifica a necessidade da mudança na educação, alegando que “a alegria da verdade (*Veritatis gaudium*) é expressão do desejo ardente que traz inquieto o coração de cada ser humano enquanto não encontra, habita e partilha com todos a Luz de Deus” (VG, 1). Assim, “na verdade ... que é Jesus, o Verbo de Deus, em quem está a Vida que é a Luz dos homens... a Igreja ... deve testemunhar e anunciar, sem interrupção e com uma paixão sempre nova, na sua missão” (VG, 1). Esta nova paixão é o que guia a educação para o anúncio de Jesus. Para isso, o Papa Francisco destaca a necessidade de a investigação científica ser conduzida por estudiosos provenientes de vários credos religiosos e de diferentes áreas da ciência. Ao interagir com liberdade, transparência, respeito e fraternidade, por meio do diálogo fraterno e respeitoso, priorizem o cuidado da natureza e a defesa dos pobres.

Torna-se indispensável a criação de centros de investigação onde possam interagir, com liberdade responsável e transparência mútua, estudiosos provenientes dos vários universos religiosos e das diferentes competências científicas, de modo a estabelecerem diálogo entre si, visando o cuidado da natureza, a defesa dos pobres, a construção de uma rede de respeito e de fraternidade (VG, 5).

Francisco indica quatro critérios para que ocorra a renovação da educação em uma Igreja em saída.

a. Ensino e vivência da alegria do evangelho. A alegre notícia do Evangelho, ensinada e experimentada, transforma a vida da humanidade. Pois “a contemplação e a introdução espiritual, intelectual e existencial no coração do querigma, ou seja, da feliz notícia, sempre nova e fascinante do Evangelho de Jesus, cada vez mais e melhor se vai fazendo carne na vida da Igreja e da humanidade” (VG, 4,a).

b. Diálogo para a busca da Verdade. O diálogo é a exigência que faz possível a comunidade acadêmica chegar a viver a Verdade, no bem do próximo. “O diálogo sem reservas ... (é) exigência para fazer experiência comunitária da alegria da Verdade e aprofundar o seu significado e implicações práticas” (VG 4,b).

c. Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade à luz da Revelação. Ambas são o critério para a unidade do saber quando “exercidas com sabedoria e criatividade à luz da Revelação” (VG 4,c). O princípio da unidade do saber nas diferentes investigações, “em uma pluralidade de saberes, correspondente à riqueza multiforme da realidade na luz patenteada pelo evento da Revelação ... em Cristo Jesus” (VG 4c). Sobretudo a transdisciplinaridade é oportunidade de “fermentação de todos os saberes dentro do espaço de Luz e Vida oferecido pela Sabedoria que dimana da Revelação de Deus” (VG 4,c).

d. Fraternidade universal no respeito à natureza e em prol dos pobres. A criação de redes de fraternidade entre as várias instituições, concebendo “o planeta como pátria e a humanidade como povo que habita uma casa comum” (*Laudato si'*, 164), possibilita que o Evangelho chegue a todos. Pois, com o impulso do Vaticano II, a Igreja assume uma renovada presença na história, e, para isso, adquire o rosto das diversas culturas, mantendo-se, ao mesmo tempo, fiel ao anúncio do Evangelho e à tradição eclesial. Em um mundo marcado pelo pluralismo ético-religioso, a educação, busca “comunicar cada vez melhor a verdade do Evangelho num contexto determinado, sem renunciar à verdade, ao bem e à luz que pode dar quando a perfeição não é possível” (VG, 5). No empenho de que o Evangelho seja escutado por todos, a educação visa manter “o cuidado da natureza, a defesa dos pobres e a construção de uma rede de respeito e de fraternidade” (VG, 5). Pois a fraternidade universal leva o ser humano a ver Deus no próximo, e, como consequência, a caminhar na busca da felicidade dos outros. Segundo Francisco, a fraternidade universal “sabe ver a grandeza sagrada do próximo e descobrir Deus em cada ser humano, tolerar as moléstias da convivência agarrando-se ao amor de Deus e abrir o coração ao amor divino, na procura a felicidade dos outros, como a procura o seu bom Pai” (VG, 4,c). Essa é a dívida dos cristãos para com a humanidade, porque “Deus, em Cristo, não redime somente a pessoa individual, mas também as relações sociais entre os homens” (VG, 4,d).

A prática dos critérios elencados pelo Papa Francisco na Universidade exige renovação dos procedimentos acadêmicos e na investigação científica, em um mundo marcado pelo pluralismo ético e religioso. Pois:

Os estudos eclesiais não se podem limitar a transferir conhecimentos para os homens e mulheres do nosso tempo, mas devem abraçar a tarefa urgente de elaborar instrumentos intelectuais úteis para o anúncio num mundo marcado pelo pluralismo ético-religioso. As questões do nosso povo, as suas aflições, batalhas, sonhos, lutas, preocupações possuem um valor hermenêutico que não podemos ignorar. As suas perguntas ajudam-nos a questionar-nos, as suas questões interrogam-nos (VG, 5).

O grande desafio é, portanto, a renovação da educação, do ponto de vista “cultural, espiritual e educativo ... que nos guie, ilumine e sustente na fé jubilosa e inabalável em Jesus crucificado e ressuscitado, centro e Senhor da história” (VG, 6).

CONCLUSÃO

Os critérios da *Veritatis gaudium* são um grande desafio à educação, por colocar o ser humano no centro do processo educativo. Manter como prioridade a vivência da alegria do Evangelho, o diálogo na busca da Verdade, a interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade à luz da Revelação, e o “cuidado da natureza e a defesa dos pobres, pela construção de uma rede de respeito e de fraternidade” (VG, 5) são os desafios a superar. Além de ser lugar de formação qualificada, as instituições de educação se transformem em uma espécie de laboratório cultural que interpreta a realidade à luz de Jesus (VG, 3).

Persistem, portanto, algumas questões: o estilo conciliar tem sido aplicado na educação? Como isso vem ocorrendo? Quais são os avanços e as dificuldades que persistem na educação em relação às orientações do Papa Francisco?

A proposta do Papa Francisco inclui uma revolução na educação, fundamentada nas armas da misericórdia e do diálogo, que coloque o ser humano no centro do processo educativo, com vistas a acolher, cuidar e curar tantas pessoas feridas que ainda se encontram à beira das possibilidades educacionais nos dias de hoje.

REFERÊNCIAS

ALVES, César. Para uma hermenêutica apropriada do Vaticano II. O discurso inaugural de João XXIII e o objetivo do Concílio. In: *Gregorianum*, 94, 1, 2013.

BORGES, Gabriela Fernanda Silva. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. *Criar educação*, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/criaredu/article/view/3742/4424>. Acesso em: 25 junho.2023.

BRASIL. UNICEF para cada criança. 14 fevereiro 2023. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/ha-32-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-na-pobreza-no-brasil-alerta-unicef>. Acesso em: 05 março.2023.

FRANCISCO, Papa. *Constituição apostólica Veritatis gaudium*. Sobre as Universidades e as Faculdades Católicas (VG, 2017). São Paulo: Paulinas, 2018.

JOÃO XXIII, Papa. Discurso de Sua Santidade na abertura solene do Concílio Vaticano II. *Gaudet Mater Ecclesia*. (GME) Roma, 11 de outubro de 1962. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html Acesso em: 25 junho.2023.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.

O'MALLEY, John W. Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco. In *Cadernos teologia pública*, Ano XII, número 94, volume 12, 2015. Instituto *Humanitas* Unisinos. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/094_cadernosteologia-publica.pdf. Acesso em: julho.2020.

PAULO PP VI. *Evangelii nuntiandi* (EN, 1975). 7. ed. São Paulo: Paulinas, 1981.

VATICANO II. *Gaudium et spes* (GS, 1965). Disponível em:

http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em: 25 junho.2023.